

Proletários de Todos os Países: UNÍ-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP

VIVA O 1.º DE MAIO! Façamos do 1.º de Maio de 1956 uma jornada de Unidade da classe operária e de todas as forças anti-salazaristas!

Quando em 1889, os representantes dos trabalhadores de todos os países, reunidos em Paris, resolveram celebrar o dia 1.º de Maio como uma jornada de solidariedade e combate do proletariado internacional, a classe operária afirmava-se como força independente e indestrutível. Sob a bandeira do internacionalismo proletário e da confiança em Marx e Engels, «Proletários de todos os países, uní-vos!», a classe operária adquiria cada vez mais consciência da sua força e da sua missão histórica: libertar a humanidade das algemas do capitalismo e instaurar uma sociedade nova, a sociedade socialista sem classes.

Ha 67 anos que o 1.º de Maio é celebrado em todo o mundo. Mas, desde então, o movimento operário internacional encontra-se e reforça-se cada vez mais.

No ano de 1917, a classe operária russa, dirigida pelo Partido Bolchevique, o Partido de Lenine e Staline, derrubou para sempre o poder dos grandes capitalistas e dos senhores da terra na Rússia. Pela primeira vez na história da humanidade, o proletariado tornou-se a classe dominante.

A vitória da grande Revolução Socialista de Outubro teve enorme significado histórico. Com ela abriu-se o caminho das revoluções proletárias e surgiu a época da libertação dos povos da escravidão e opressão capitalistas.

A União Soviética, a fortaleza socialista do proletariado mundial, forneceu aos povos uma nova força criadora. O primeiro Estado do mundo tornou-se a fonte inspiradora de todos os povos oprimidos e explorados, que lutam pela sua libertação e pela paz.

A segunda guerra mundial, desencadeada pelas potências imperialistas em consequência das suas contradições insolúveis, visava destruir a União Soviética, desviar o curso histórico da humanidade e fazer uma nova repartição do mundo. O capitalismo, porém, saiu da guerra ainda mais debilitado e corrompido, e as condições mais propícias para a sua queda.

Como resultado da segunda guerra mundial, novos países da Europa e da Ásia libertaram-se para sempre do campo do imperialismo e do domínio vitorioso numa vida nova de felicidade e da paz. Depois da guerra a situação mudou radicalmente. Ao lado do campo capitalista formou-se o campo do socialismo, encabeçado pela União Soviética e República Popular da China e

de que fazem parte mais 11 países democráticos populares.

A correlação de forças entre os sistemas capitalista e socialista mudou radicalmente a favor do socialismo. Mais de 900 milhões de pessoas libertaram-se para sempre das algemas do capitalismo e nos últimos 10 anos, 1.200 milhões de pessoas ou seja, cerca de metade da população da Terra, libertaram-se da opressão e dependência do colonialismo. Vivemos numa época em que os povos de todo o mundo lutam vitoriosamente pela sua libertação das garras da exploração e opressão imperialista. A época em que a reacção capitalista «dominava impunemente os povos coloniais e pouco desenvolvidos», já passou.

As forças reacçãoistas dos países capitalistas não querem conformar-se com a situação presente. Elas sonham com o regresso ao «sistema capitalista» dos países onde os operários e os camponeses romperam as algemas do capitalismo e tomaram conta do poder. Com esse objectivo prosseguem na corrida aos armamentos, organizam novos agrupamentos militares agressivos em diversas partes do mundo e procuram criar novos focos de agitação.

Mas a situação actual nada tem de semelhante com a existente em 1939, isto é, antes do desencadear da segunda guerra mundial. Então, a URSS era o único Estado Socialista e encontrava-se cercada de Estados capitalistas. Hoje, ao lado da URSS encontra-se a grande China, e os países de democracia popular e os povos pacíficos do mundo inteiro, que apoiam a sua inalterável política de paz e coexistência pacífica entre estados com sistemas sociais diferentes.

Centenas de milhões de homens e mulheres de todos os países e raças, de todas as convicções políticas, de todas as crenças religiosas, de todas as camadas sociais lutam unidos no potente Movimento Mundial da Paz. A paz tornou-se o maior anseio da humanidade e os povos unem-se na luta pelo desarmamento geral, pela proibição das armas atómicas e de determinado em massa, pela diminuição da tensão internacional, pela solução pacífica dos litígios internacionais, e por lutar pela segurança colectiva na Europa e na Ásia.

A classe operária, cujos interesses estão indissolvelmente ligados à manutenção e desenvolvimento da paz, não pode abandonar a luta. A Federação Sindical Mundial com

A classe operária poderá fazer do 1.º de Maio uma jornada pelo reforçamento da sua unidade. Esta unidade deve desenvolver-se na luta por um salário mínimo vital, que aumente sempre que aumente o custo de vida, contra o desemprego, contra a exploração desenfreada do grande patronato, expressa na chamada campanha de «produtividade», contra a vida cara, pela paz. Um salário mínimo vital de 400\$00 para os operários industriais e uma jorna mínima de 30\$00 para os assalariados agrícolas, com trabalho assegurado todo o ano, e um ordenado mínimo de 1.200\$00 para os funcionários, apesar de estarem longe de proporcionar uma vida mesmo modesta, representariam, uma vez conquistados, uma grande melhoria na vida dos trabalhadores. Ao apresentar estas reivindicações, o Partido Comunista Português considera ser possível satisfazê-las, bastando para isso que diminuam as despesas militares e repressivas e os lucros dos grandes,

os seus 82 milhões de filiados é a mais potente organização sindical operária que até hoje existiu e, ao lado da Federação Mundial da Juventude Democrática, da Federação Democrática Internacional das Mulheres e outras organizações, constitui uma sólida barreira aos planos tenebrosos dos incendiários de guerra.

Gracias à inviolável política de paz da URSS e aos esforços do Movimento Mundial da Paz e de todos os povos da Terra a guerra recuou. O espírito de Genebra e da coexistência pacífica entre estados com sistemas sociais diferentes alastra no mundo. Muitos estados capitalistas recusam acorrentar-se à política belicista das potências imperialistas.

Conforme salientou o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que teve enorme significado internacional, existe hoje uma ampla zona de paz que abrange 1500 milhões de pessoas da Europa e Ásia, isto é, a maior parte da população do mundo. Embora o perigo do desencadear de uma guerra exista sempre enquanto existir o capitalismo no mundo, actualmente há poderosas forças sociais e políticas que dispõem de recursos para não permitir que os imperialistas desencadeiem a guerra e se tentarem começá-la, dar uma rápida esmagadora aos agressores e desbaratar os seus planos aventureiros.

Sob a direcção do glorioso Partido Comunista da União Soviética, os povos soviéticos celebraram o 1.º de Maio com novas vitórias na edificação do comunismo. O novo Plano Quinquenal que, pela sua grandeza é significativo, não tem precedentes na história da Humanidade é bem a demonstração da superioridade do sistema socialista, levando o desastre às forças da reacção e enchendo de júbilo os trabalhadores de todos os países. Apesar das incalculáveis destruições que a União Soviética sofreu durante a segunda guerra mundial, a produção industrial aumentou, em 20 anos, mais de 20 vezes, enquanto que nos Estados Unidos, apesar das condições desfavoráveis, houve um aumento de pouco mais de duas vezes. Entretanto, em 1950 o nível da produção industrial na União Soviética sobrepôs o dos Estados Unidos.

Em 1955, aproximadamente em comparação com 1925, em 1950 fabricou-se o triplo das máquinas de consumo popular de 1950. No decurso do ano de 1955, a indústria reduziu a produção por 7 horas e em alguns casos por 6 ho-

ras. Os salários dos operários não serão por muito tempo reduzidos, mas antes aumentados em 50%, e as receitas dos camponeses serão aumentadas pelo menos 40%.

O socialismo fez nascer uma energia criadora, nova e desconhecida na história da Humanidade. Pelo seu trabalho pacífico e criador, a União Soviética inclina os povos do mundo inteiro a caminho para a conquista de um futuro radioso.

A China e os países de democracia popular celebraram o 1.º de Maio avançando no caminho de desenvolvimento económico e cultural e na elevação do bem estar dos seus povos. De países semi-escravos, agrários ou com uma indústria pouco desenvolvida, os países democráticos populares transformaram-se em importantes potências industriais e edificam com sucesso o socialismo.

Olhando para os exemplos triunfantes dos países do campo da democracia e do socialismo, os trabalhadores explorados e oprimidos dos países capitalistas convencem-se de que quando o povo toma conta dos seus próprios destinos instaura-se uma verdadeira democracia, a independência nacional é assegurada, aumenta o bem-estar dos trabalhadores e abre-se para todos o caminho para novas possibilidades criadoras.

Para os povos dos países capitalistas, coloniais e dependentes, o 1.º de Maio será a data da luta pela consolidação da unidade da classe operária e para a conquista das suas reivindicações e da unidade de todas as forças progressivas na luta pela paz, a democracia e a independência nacional. As grandes jornadas de luta que a classe operária desenvolve em todos os países capitalistas e coloniais, as importantes vitórias obtidas pelas forças democráticas nas recentes eleições em França, na Grécia e no Brasil, a heróica luta do povo espanhol e a crescente desaprovação do odiado regime franquista são precursores de novos êxitos das forças democráticas e pacíficas em todo o mundo.

Em todos os países celebraram este ano o 1.º de Maio, contentes na sua força poderosa e invencível. O velho mundo, o mundo da exploração e da opressão pelo homem, o mundo da violência e das guerras devastadoras, está condenado a desaparecer e morrer. O novo mundo, o mundo do trabalho pacífico, da justiça social e da democracia, triunfa e fortalece-se.

Salazar colocou Portugal sob o domínio dos monopólios e das potências imperialistas

Os monopólios estrangeiros e a oligarquia financeira monopolista que o salazarismo representa e defende, dominam o comando de Portugal no campo económico, político e militar. A cedência de território nacional aos americanos e ingleses, assinada pelo governo de Salazar em relação às Lágens (Acóres) é a expressão mais clara da política de abdicação nacional da camarilha governante.

As nossas forças armadas foram colocadas sob o comando de generais e almirantes americanos e ingleses. Os nossos portos e as bases militares estão ao serviço dos prebendários da guerra das potências imperialistas. O campo de Santa Margarida, com permanentes manobras militares, foi transformado numa zona de guerra, de destruição e morte de dezenas e dezenas de soldados portugueses.

Ao serviço do imperialismo americano, Goa foi transformada num foco de guerra e de morte de milhares de pessoas sob o domínio e abuso dos anseios de libertação do povo goês, que está pagando em armas contra os seus opressores, o salazarismo

recorre aos massacres e ao terrorismo mais brutais. Milhares de jovens portugueses são mortos, contra sua vontade, a riem para a Índia onde arruinam a sua saúde e perdem a sua vida. Eles e todo o nosso povo estão vendo que a política de Salazar de escavação e rapina contra os povos das colónias, constitui uma vergonha para a Nação Portuguesa.

O Salazarismo tem pretendido «justificar» a sua política de guerra com o calunioso pretexto de que a URSS e os países do Democrático Fronteiriço são o nosso perigo e o chamado «perigo vermelho» e «perigo ocidental». Porém os factos são bem diferentes.

Não é a União Soviética que ameaça o nosso país, não é a União Soviética que ameaça as potências imperialistas e o crescente domínio dos grandes monopólios americanos e ingleses que fazem da Portugal e das colónias portuguesas um terreno de guerra de enormes riquezas e parcelas do território nacional e colonial. São as potências imperialistas e não a União Soviética

que roubam o urânio, o volfrâmio, o ferro, o petróleo, as pirites e outras matérias primas, que transformadas no país industrial em massa independência económica.

Porque o salazarismo faz cada vez mais depender o abastecimento do país dos produtos estrangeiros o deficit da balança comercial sobe assustadoramente. A economia nacional não se desenvolve de acordo com os interesses nacionais mas em função dos interesses dos monopólios estrangeiros.

Não é a União Soviética que coloca em perigo a nossa fronteira com a Alemanha, o ferro impedita a entrada dos portugueses no seu território, ao estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais e ao desenvolvimento da indústria e agricultura de todos os países, mas sim é o salazarismo que envolve Portugal numa verdadeira corda de ferro para impedir o nosso povo de estabelecer relações comerciais e económicas com os países socialistas, recordando que a verdade se torna conhecida de todo o povo português. Os interesses nacionais exigem que Por-

tugal se liberte do domínio do Imperialismo americano e inglês e estabeleça relações independentes e de amizade com todos os países e o reconhecimento do seu regime social e político.

Por isso, saudamos os recentes acordos comerciais estabelecidos entre Portugal e a Polónia, Checoslováquia, Hungria e República Democrática Alemã, fruto da pressão exercida sobre o salazarismo pela classe operária e por vários círculos económicos, acordos cuja negociação e conteúdo a camarilha salazarista teve o cuidado de esconder ao nosso povo com medo de que os povos se levantem. O mundo das relações comerciais mais amplas com todos os países do campo democrático e socialista.

Em toda a necessidade de negociar tratados comerciais na base de vantagens comerciais mútuas. A União Soviética e todos os países democrático-socialistas oferecem relações comerciais e económicas, os comerciantes, todo o povo português devem exigir por todas as formas que o governo siga sem demora esse caminho.

